

Capítulo 3

Êxodo de competências e mobilidade académica de Portugal para a Europa

Rui Gomes, João Teixeira Lopes, Henrique Vaz, Luísa Cerdeira, Sílvia Silva, José Pedro Silva, Rui Brites, Paulo Peixoto, Rafaela Ganga, Maria Lourdes Machado-Taylor, Belmiro Cabrito, Tomás Patrocínio, Dulce Magalhães

Resumo A necessidade de um conhecimento mais profundo acerca das complexidades do fenómeno da “fuga de cérebros” e o seu crescente aumento no país levaram ao desenvolvimento desta pesquisa. De forma a captar esta complexa realidade foi utilizada uma metodologia mista, multilateral, recorrendo a técnicas quantitativas e qualitativas de recolha de informação com vista à caracterização dos fatores de atração e repulsão na decisão de migrar, permitindo identificar trajetórias de mobilidade social ascendente e descendente, analisando os projetos de vida, as socializações diferenciadas e estratégias contrastantes de rentabilização do capital escolar.

Palavras-chave: Emigração qualificada, fuga de cérebros, mobilidade, motivações, Portugal.

Abstract The need for a deeper knowledge of the complexities of this phenomenon, the brain drain, and its increasing in Portugal were the big spur for the development this research. In order to capture this complex reality a mixed and multilateral methodology was used with quantitative and qualitative techniques for the characterization of push and pull factors. This study allowed us to identify trajectories of upward and downward social mobility based on the analysis of life projects, the differentiated socialization and the contrasting strategies of improving the educational capital.

Keywords: Highly-skilled emigration, brain drain, mobility, motivations, Portugal.

O ponto de partida: enquadramento e objetivos

O presente texto apresenta o projeto de investigação BRADRAMO — Brain Drain And Academic Mobility From Portugal to Europe, relevando os seus objetivos e interrogações iniciais, a estratégia metodológica escolhida, os resultados obtidos e as principais conclusões a que a pesquisa conduziu.

Importa dizer que este projeto, financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT/MEC) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE — Programa Operacional Fatores de Competitividade (POFC), envolveu uma equipa multidisciplinar de 13 investigadores com formação em diversas áreas das ciências sociais (sociologia, ciências da educação e economia), tendo estado ativo entre janeiro de 2013 e setembro de 2015. A pesquisa desenvolvida incidiu sobre a emigração portuguesa qualificada¹ para o espaço Europeu.

O ponto de partida para a realização desta investigação foi a constatação da intensificação dos fluxos emigratórios portugueses nos anos imediatamente anteriores ao seu início, com destaque para o ano de 2011. Olhando apenas para o volume das saídas, a vaga emigratória que se seguiu à crise financeira de 2008 e, em especial, à imposição de um programa de reajustamento estrutural iniciado em 2011 sob a égide da chamada “Troika” constituída pela Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional, só é comparável com o cenário que se registava nos últimos anos do Estado Novo: entre 2010 e 2015, o número de pessoas que saiu de Portugal foi sempre superior a 100.000, atingindo os 134.624 em 2014.²

Por outro lado, o peso, nas saídas, dos trabalhadores qualificados aumentou significativamente. Assim, entre 2001-2002 e 2010-2011, a emigração de portugueses qualificados registou um aumento de 87,5%. Nesse período, o peso dos trabalhadores qualificados no conjunto de todos os emigrantes subiu de 6,2% para 9,9%, atingindo os 11% em 2015 (Gomes *et al.*, 2015). É certo que a informação disponível sobre a emigração portuguesa qualificada contém lacunas importantes. Ainda assim, estes números evidenciam uma tendência importante de aumento das saídas de trabalhadores qualificados do país em anos recentes, podendo ainda estar subavaliados, como nos mostram as estatísticas de alguns dos países que mais emigrantes portugueses recebem. Por exemplo, de acordo com estatísticas oficiais do Reino Unido, 21,5% dos emigrantes portugueses com mais de 16 anos possuíam, em 2011, qualificações de nível superior.

1 Para efeitos da investigação desenvolvida, definimos emigração qualificada como a emigração de indivíduos detentores de um diploma do ensino superior ou de experiência profissional equivalente.

2 Dados disponibilizados pelo Observatório da Emigração e disponíveis em <http://observatorioemigracao.pt/np4/1315/> (consultado a 27 de Junho de 2017).

As implicações futuras desta saída em grande escala de capital humano do país não são ainda totalmente claras. Existem várias teses que procuram explicar as consequências desse fenómeno, porém, estas indicam frequentemente caminhos diferentes, não sendo fácil a sua conciliação.

O primeiro destes modelos teóricos em confronto é o do *brain drain*: uma vez que o capital humano não é aproveitado na sociedade ou país onde foi gerado, perde-se, no médio e no longo prazo, o investimento realizado na sua criação e as externalidades dele resultantes. Investigações prévias apontam para efeitos negativos no crescimento económico e na formação de capital humano no país de origem (Miyagiwa, 1991; Haque e Kim, 1995). Assim, o retorno do investimento na educação pode-se perder devido ao efeito da emigração de recursos humanos, medido através das perdas de retorno de capital ou de potenciação de desenvolvimento (Rosenbaum *et al.*, 1990).

A segunda tese é a do *brain drain* benéfico: uma vez que a emigração de indivíduos qualificados resulta em rendimentos individuais mais elevados, o número de pessoas capazes de investir na sua educação e na educação dos seus filhos aumentará, o que terá um efeito positivo na taxa de educação dos países em desenvolvimento (Mountford, 1997). No entanto, os resultados deste tipo de abordagem não são conclusivos. Se alguns estudos a confirmam (Beine *et al.*, 2003; 2008; Docquier *et al.* 2008), outros sugerem que os ganhos obtidos não compensam o efeito de *brain drain* (Heuer, 2011).

De acordo com a tese da fertilização cruzada a partir da mobilidade das elites, os movimentos circulares e frequentemente transitórios de profissionais altamente qualificados são benéficos para os países de origem e de destino, uma vez que potenciam a troca de conhecimento e de competências e os projetos temporários.

O modelo da circulação de “cérebros” através da criação de redes defende que o aumento da circulação de pessoas e conhecimento é inevitável num contexto de globalização, independentemente do nível de desenvolvimento dos países. Isto articula-se com as redes de transferência de tecnologia e conhecimento do país de destino para o país de origem e que são resultado da crescente transnacionalização das esferas científica e empresarial. Segundo esta abordagem, estas redes são vantajosas para o desenvolvimento dos países de origem.

Finalmente, o modelo do *brain drain* latente, articulado com a mobilidade formativa, postula que as saídas do país relacionadas com a formação e educação, previsivelmente temporárias, podem-se tornar permanentes com a inserção no mercado de trabalho de países mais desenvolvidos ou menos afetados pelo desemprego jovem (Pizarro, 2005). No entanto, outras investigações sugerem que um período de estudo fora seguido de uma experiência de trabalho no país de destino poder produzir um benefício a médio prazo, no momento de regresso ao país de origem (Johnson e Regets, 1998).

Perante a multiplicidade de abordagens e concepções, a investigação desenvolvida teve como propósito colocar à prova cada um dos modelos teóricos sobre a emigração qualificada acima apresentados, procurando alguma inovação em termos teóricos e metodológicos: primeiro, ao recusar os pressupostos globalizantes sobre a teoria do capital humano e ao analisar o conjunto de fatores que geram a repulsão e a atração, antevendo-se assim que a emigração pode ser gerada por outros fatores para além da diferença entre as remunerações; e segundo, uma vez que se admite que o sistema de emprego internacional depende não só do efeito independente do jogo da oferta e procura, tornando-se também necessário analisar as trajetórias biográficas, no sentido de compreender as razões e os destinos da emigração.

Com estes propósitos em mente, e tendo ainda em conta as já referidas limitações da informação estatística disponível sobre emigração portuguesa qualificada, partiu-se para a pesquisa com as seguintes questões fundamentais:

- 1) Quais são as modalidades, causas e características do *brain drain* português na última década?
- 2) Qual foi a evolução do *stock* e dos fluxos?
- 3) Quais são as formas de articulação entre as diferentes modalidades do êxodo de profissionais portugueses qualificados e os processos de migração internacional?
- 4) Quais são as formas de articulação entre o *brain drain* e os fluxos crescentes de mobilidade académica?
- 5) Quais são as consequências para o sistema científico e o ensino superior portugueses?
- 6) Qual é o impacto para a emergência ou redução de redes científicas que incluam cientistas portugueses?

Estratégia metodológica

Uma vez que o *brain drain* é um fenómeno multifacetado, o desenho metodológico segue a natureza relacional do objeto social, articulando várias dimensões de análise. Realizou-se um estudo comparativo de quatro casos, representando diferentes tipos de emigração qualificada: a) migração para um país europeu para o exercício de profissões nos sistemas científico ou de ensino superior; b) migração de longo prazo para um país europeu para trabalhar nos segmentos primário ou secundário do sistema de emprego; c) mobilidade estudantil europeia do 1.^o, 2.^o ou 3.^o ciclo do ensino superior conducente à inserção no segmento primário ou secundário do mercado de trabalho; d) mobilidade e circulação transitória ou pendular através de redes europeias de ciência, produção, serviços ou cultura.

Procurou-se compreender cada um destes casos e, ao mesmo tempo, encontrar fatores e processos de comparação, translação e transferência, permitindo fazer generalizações que não se baseiam na probabilidade estatística e na representatividade, mas antes na profundidade, intensidade e densidade da análise.

Assim, a partir de cada caso e dentro de cada caso, combinou-se procedimentos de natureza qualitativa e quantitativa, explicação e compreensão, dedução e indução, enquanto nos movemos num diálogo constante entre teoria e prática.

O recurso a uma panóplia relativamente alargada de técnicas de recolha de informação permitiu a operacionalização dos propósitos antes assumidos, bem como a comparação das práticas vividas, experienciadas, narradas e declaradas dos atores envolvidos nestes fluxos migratórios, possibilitando a triangulação da informação.

A seleção dos quatro casos seguiu a interseção dos seguintes princípios estruturantes basilares: 1) características temporais da mobilidade: permanente ou temporária, de longo prazo ou transitória; 2) posição social no sistema de emprego: segmento primário ou secundário do mercado de trabalho; 3) perfil funcional do sistema de emprego: académicos e cientistas, outras profissões altamente qualificadas; e 4) tipo de mobilidade: direta (depois da entrada no sistema de emprego do país de origem), indireta ou latente (depois de um período de estudos no país de destino).

Em cada um destes casos, a abordagem iniciou-se com uma pesquisa exploratória baseada na análise de fontes secundárias, tanto documentais ou estatísticas, articuladas com conversas informais com informadores privilegiados das organizações que lidam com estes fluxos e atores.

Assumindo-se uma estratégia mista e multilateral, articulando a pesquisa extensiva com uma análise em profundidade, intensiva, recorreu-se a técnicas quantitativas e qualitativas de recolha de informação: entrevistas com grupos focais, inquéritos por questionário e histórias de vida, traduzidas nos retratos sociológicos.

A primeira fase foi a realização de grupos focais para cada um dos diferentes casos em análise (Barbour e Kitinger, 1999). Devido à sua natureza intersubjetiva e partilhada (Krueger, 1998), o recurso a esta técnica foi particularmente útil para, antes da administração do inquérito por questionário, identificar fatores de *push* e *pull*, bem como fatores de *reskilling* e *deskilling*. Isto revelou-se especialmente valioso, uma vez que a revisão do estado de arte apontou para fatores muito gerais. Deste modo, foi possível construir indicadores e dimensões mais precisas para o inquérito.

As entrevistas foram feitas por videoconferência, usando o software de chamadas Skype, ultrapassando, desta forma, as fronteiras geográficas que estão inerentes ao universo de estudo do projeto, bem como as dificuldades de reunião dos entrevistados num mesmo espaço físico, próprias da técnica utilizada.

A seleção dos entrevistados foi realizada com base na técnica de amostragem bola-de-neve, iniciada com um apelo através de um formulário de intenção de participação que foi divulgado pelos contactos pessoais dos investigadores e por contactos institucionais com ligação a portugueses em mobilidade. Esta lista inicial de possíveis entrevistados foi, de resto, o ponto de partida para os contactos posteriores de participação.

A escassez de estudos sistemáticos sobre fluxos migratórios associados à mobilidade académica torna especialmente relevante, de um ponto de vista metodológico, uma abordagem inicial transversal, mais adequada para um esforço de mapeamento da representatividade do fenómeno. Foi precisamente essa escassez que determinou, para o questionário, a definição de uma amostra não-probabilística intencional (Almeida & Pinto, 1996), que, articulada com outros instrumentos de pesquisa, contribui, gradualmente, não só para a compreensão da extensão do fenómeno, mas também das suas características intrínsecas.

Deste modo, o questionário escolhe deliberadamente um público dominante — dotado de elevadas competências académicas — ao mesmo tempo que contém as diversas situações expressas nos estudos de caso desenvolvidos que, de certo modo, determinam uma categorização prévia que garante a comparabilidade com o instrumento do inquérito. Esta comparabilidade permite-nos discriminar os traços determinantes na identificação do fenómeno. Do mesmo modo, a estrutura do questionário, para além de incluir as variáveis independentes que caracterizam a população-alvo, procura elencar um conjunto de escalas que abordam os seguintes tópicos: 1) Fatores *push* e *pull*; 2) Fatores percebidos como cruciais para a decisão de migrar; 3) *Deskilling* e *reskilling*; 4) *Brain gain* e *brain waste*; e 5) Mobilidade social e cultural, sendo importante compreender até que ponto a decisão de migrar baseada, na sua fase inicial, em razões relacionadas com a formação e o emprego, se transforma (ou não) em mobilidade social e cultural.

Dos resultados provisórios oriundos da análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário, bem como das suas limitações e das pistas por eles fornecidas, emergiram as linhas orientadoras que enquadraram a preparação dos guiões para a realização dos retratos sociológicos (Lahire, 2002), focando a explicação das contradições que se revelam na intersecção da administração do inquérito por questionário, a análise exploratória e os resultados dos *focus group*.

Procedeu-se ainda a uma análise estatística multivariada dos dados obtidos através do inquérito por questionário, o que permitiu a construção de perfis-tipo dos emigrantes, cada um deles definindo um tipo de relação particular com o fenómeno em estudo. A partir daqui foram selecionados os indivíduos e grupos para a construção dos retratos sociológicos. A preparação do guião foi acompanhada pela preocupação em compreender como é que os atores envolvidos nos fluxos migratórios analisados estruturam, através das

suas vidas, disposições favoráveis à migração e em perceber a tensão entre disposições e situações múltiplas em que os principais contextos desencadeiam o desejo de mobilidade.

Os retratos sociológicos assumem a existência de indivíduos multi-socializados, agentes plurais que, através das suas trajetórias, adquiriram uma multiplicidade de disposições, muitas vezes contrastantes e até contraditórias, que, de certo modo, refletem a complexidade das sociedades contemporâneas e a natureza multidimensional dos projetos e constrangimentos associados a estes fluxos migratórios.

A triangulação final permitiu confrontar práticas e discursos ou, noutros termos, o vivido com o experienciado (a memória do passado), o narrado (especialmente visível nos retratos), o compartilhado (destacado nos grupos focais) e o declarado (mostrado no inquérito).

Principais resultados

Resultados dos focus groups

Como referido, os *focus groups* permitiram por um lado, enquadrar e preparar a recolha de informação quantitativa através da aplicação de inquéritos e, por outro lado, identificar especificidades relacionadas com cada um dos quatro estudos de caso a desenvolver no âmbito do projeto.³

De uma forma geral, os *focus groups* possibilitaram caracterizar projetos de vida; mapear e tipificar trajetórias de vida (familiar, formação, emprego); identificar estratégias de rentabilização do capital escolar nos projetos de vida; e dar conta dos mecanismos de naturalização (ato pensado, repentino, fatores desencadeadores, enquadramento familiar/social) que possam ser vistos como efeitos socializadores da decisão de emigrar.

Selecionados e agrupados tendo em conta o estudo de caso a que mais se adequavam, considerando, igualmente, a diversidade de sexo, idade, país e profissão, foram feitos sete *focus group*, a um total de 27 pessoas. Adicionalmente, e por impossibilidade de reunir as pessoas, foram feitas 5 entrevistas individuais, 2 *online* e 3 presenciais, com o mesmo guião de entrevista. As entrevistas foram transcritas integralmente e posteriormente analisadas recorrendo ao *software* de análise qualitativa MaxQda, tendo sido feita a análise de conteúdo e, por outro lado, a quantificação dos indicadores resultantes da mesma análise.

Através dos quadros seguintes é possível uma primeira análise, em extensão, das dimensões das entrevistas: i) fatores de “deskilling” e de “reskilling” nos países de destino; ii) fatores de atração e de repulsão em Portugal e

3 Para mais informações, incluindo as principais conclusões, consultar www.bradramo.pt

Quadro 3.1 Fatores de *deskilling* e de *reskilling* nos países de destino

Fatores de <i>deskilling</i> e de <i>reskilling</i>			N	%
Emigrou por <i>deskilling</i> , <i>reskilling</i> ou <i>upskilling</i>	<i>Upskilling</i>	Não	16	59,3
		Sim	11	40,7
		Total	27	100,0
	<i>Reskilling</i>	Não	24	88,9
		Sim	3	11,1
		Total	27	100,0
<i>Deskilling</i>	Não	26	96,3	
	Sim	1	3,7	
	Total	27	100,0	
Perspetiva de carreira	Continuidade	Não	24	88,9
		Sim	3	11,1
		Total	27	100,0
	Progressão	Não	21	77,8
		Sim	6	22,2
		Total	27	100,0
Inserção ou não na área de formação de origem	Trabalho fora da área de formação	Não	22	81,5
		Sim	5	18,5
		Total	27	100,0

no país de destino; iii) formas de integração no país de destino; iv) relações com Portugal; e v) tipo de inclusão no sistema de emprego do país de destino.

Através do quadro 3.1 é possível constatar a maior percentagem de entrevistados que sofreram *upskilling* no seu processo migratório (40,7%), significando uma melhoria das qualificações obtidas. De notar também a compatibilidade entre a formação académica e o trabalho exercido. Apesar de as perspetivas de carreira não apontarem, à partida, para uma situação de continuidade e progressão (embora mais progressão do que continuidade), como foi possível constatar numa análise mais detalhada das entrevistas, tal não significa um descontentamento ou insatisfação com a situação profissional. Pelo contrário. Mesmo em situações em que os entrevistados se encontram a realizar tarefas abaixo das suas qualificações, a perceção do reconhecimento profissional é algo patente.

No que concerne aos fatores *push* e *pull* (quadro 3.2) é de notar que não foram enunciados quaisquer fatores de repulsão no país de destino. Os fatores profissionais (remuneração, carreira ou progressão) são os mais referidos (63%), seguindo-se as oportunidades de emprego e os fatores pessoais e familiares (44,4%, respetivamente).

Relativamente a Portugal são os fatores pessoais e familiares que se destacam no domínio da atração. Estes são, de resto, dos maiores motivos que concorrem com as opções de mobilidade tomadas, exercendo um grande peso na possibilidade de regresso. Contudo, as oportunidades de emprego

Quadro 3.2 Fatores de atração e de repulsão em Portugal e no país de destino

Fatores de atração e de repulsão			N	%
Fatores de Repulsão em Portugal	Fatores profissionais	Não	19	70,4
		Sim	8	29,6
		Total	27	100,0
	Oportunidades de emprego	Não	10	37,0
	Sim	17	63,0	
	Total	27	100,0	
Fatores de Atração em Portugal	Ensino	Não	24	88,9
		Sim	3	11,1
		Total	27	100,0
	Fatores pessoais/familiares	Não	17	63,0
	Sim	10	37,0	
	Total	27	100,0	
Fatores de Atração no país de destino	Económicos	Não	21	77,8
		Sim	6	22,2
		Total	27	100,0
	Ensino e serviços	Não	24	88,9
		Sim	3	11,1
		Total	27	100,0
	Oportunidades de emprego	Não	15	55,6
		Sim	12	44,4
		Total	27	100,0
	Fatores profissionais	Não	10	37,0
Sim		17	63,0	
Total		27	100,0	
Fatores pessoais/familiares	Não	15	55,6	
	Sim	12	44,4	
	Total	27	100,0	

(63%) e os fatores profissionais (29,6%) em Portugal são dimensões que exercem grande repulsão do país.

Desta forma, a duração da emigração destaca-se como permanente ou de longo prazo (44%), coincidente com os dados que obtivemos posteriormente no inquérito por questionário, assim como nos retratos sociológicos. A dimensão transitória (33%) da emigração é também de ser salientada.

Na dimensão respeitante às relações com Portugal (quadro 3.3) é avaliado o lugar de Portugal no quotidiano no país de destino (redes de amigos, colegas de trabalho, contactos com família em Portugal), como também os indicadores de pertença e a ação como facilitadores ou não da emigração de outros.

No que concerne à rede de amigos, é visível tanto a presença de amigos de origem portuguesa (66,7%), como de outros países (63%). Quanto à identidade, resiste a identidade de português (74,1%) mais do que a identidade de emigrante (14,8%). Como foi confirmado depois, o autorreconhecimento como cidadão europeu, ou cidadão do mundo, vivendo numa “bolha

Quadro 3.3 Relações com Portugal

Relações com Portugal		N	%
Influencia à emigração de outros	Não	17	63,0
	Sim	10	37,0
	Total	27	100,0
Atividades realizadas em Portugal	Não	17	63,0
	Sim	10	37,0
	Total	27	100,0
Viagens esporádicas a Portugal (menos de 2 vezes por ano)	Não	24	88,9
	Sim	3	11,1
	Total	27	100,0
Viagens frequentes a Portugal (2 ou mais vezes por ano)	Não	9	33,3
	Sim	18	66,7
	Total	27	100,0
Identidade emigrante	Não	23	85,2
	Sim	4	14,8
	Total	27	100,0
Identidade portuguesa	Não	7	25,9
	Sim	20	74,1
	Total	27	100,0
Amigos de outros países	Não	10	37,0
	Sim	17	63,0
	Total	27	100,0
Amigos portugueses	Não	9	33,3
	Sim	18	66,7
	Total	27	100,0

internacional” é algo mais proeminente do que a identificação como emigrante. A saudade das pessoas, da comida, dos costumes, do clima leva a que Portugal esteja presente no imaginário destes emigrantes qualificados. Por conseguinte, as viagens a Portugal são, na maioria, frequentes (66,7%), sendo, muitas vezes aproveitadas para diversos consumos e procura de serviços (cabeleireiro, médico, etc. — 37%).

Resultados do inquérito

Este é um projeto que conta histórias de percursos individuais de mulheres e homens portugueses que decidiram prosseguir as suas vidas fora de Portugal.⁴ Mas as histórias singulares têm um quadro social mais geral em que decorrem. Os percursos individuais realizam-se em condições que não foram escolhidas, antes constituíram dados de partida para as opções de cada um.

4 Resultados publicados no livro “Fuga de cérebros: retratos da emigração portuguesa qualificada” (2015).

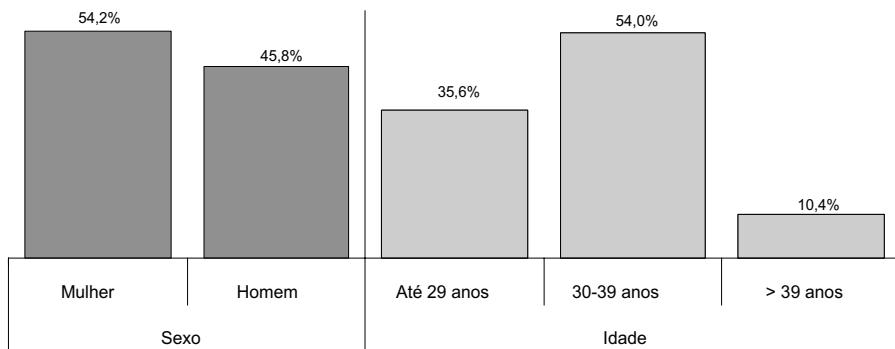


Figura 3.1 Caracterização sociográfica dos respondentes: sexo e idade

Na verdade, a decisão de emigrar tem características estruturais que constituem a exterioridade do fenómeno e que limitam ou ampliam os efeitos das decisões individuais.

Essas condições estruturais foram caracterizadas através de um questionário *on-line* administrado entre maio e outubro de 2014, junto de uma amostra intencional, não aleatória, de cidadãos portugueses que estavam ou tivessem estado em mobilidade ou emigrados num país europeu nos últimos 6 anos, com habilitações académicas do ensino superior, ou que tivessem exercido uma atividade profissional correspondente a esse nível académico. É com base nas respostas a este questionário que se caracterizou o perfil estrutural da emigração qualificada portuguesa.

Considerando a amostra de 1011 respondentes, verificamos que ela é ligeiramente feminizada (54,2%), o que, desde logo, se apresenta como novidade nos perfis emigratórios portugueses, tradicionalmente masculinizados, refletindo decerto a crescente presença maioritária das mulheres no ensino superior e, por consequência, nas profissões qualificadas.

Por outro lado, em termos etários, destaca-se a juvenilidade da amostra (apenas 10,4% tem mais de 39 anos), traduzindo não só o prolongamento das transições e da moratória juvenil forçada — para a vida adulta, para um emprego estável, para uma família de destino, para uma habitação própria — como as particulares dificuldades de encontrar no mercado de trabalho português uma saída para as suas qualificações (cerca de 65% têm pelo menos o mestrado, em particular nas áreas das ciências matemáticas e informática, seguido das engenharias e ciências sociais), a par de uma inserção facilitada em redes transnacionais de mobilidade.

A composição interna das qualificações da amostra revela que uma maioria de inquiridos (74,5%) têm cursos pós-graduados — 43% têm um

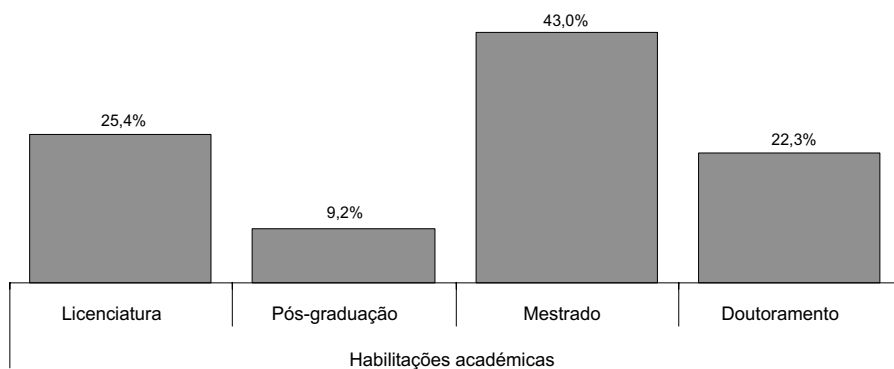


Figura 3.2 Qualificação académica dos respondentes

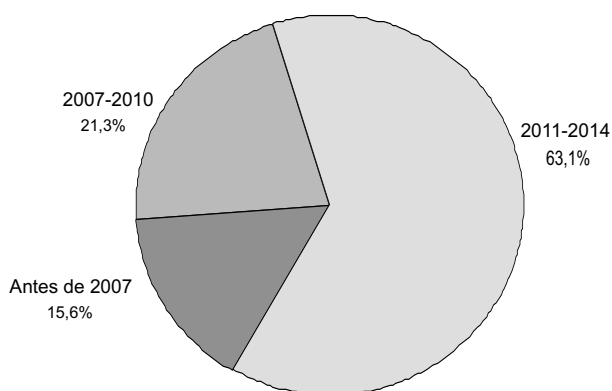


Figura 3.3 Ano da última saída de Portugal

mestrado, 22,3% são doutorados e 9,2% concluíram uma pós-graduação — possuindo os restantes 25,4% da amostra apenas o grau de licenciado.

A amostra revela uma clara sobrerrepresentação dos sujeitos com mestrado e doutoramento, visto que na população residente em Portugal, até aos 44 anos, os valores são bastante inferiores: 1,7% concluíram um doutoramento, 11,4% o mestrado e 86,9% a licenciatura. A tendência detetada nesta amostra parece refletir que a emigração qualificada dos últimos anos acentuou a saída dos titulares de graus académicos mais elevados e especializados.

Em 2014, apenas 16,5% da população portuguesa com 15 anos ou mais possuía pelo menos um curso superior. No grupo etário entre os 25 e os 34

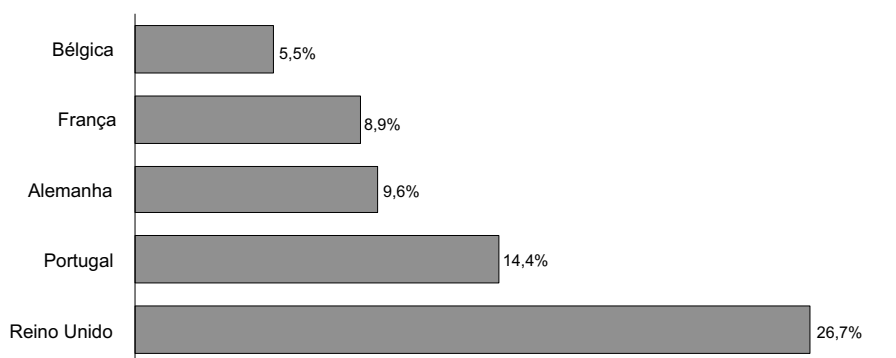


Figura 3.4 País de residência atual

anos, onde se enquadra boa parte da nossa amostra, tal percentagem subia para 28%, de acordo com dados da OCDE para 2012.

Estamos, portanto, na presença de contingentes de jovens e jovens adultos que usufruíram plenamente dos tardios processos de democratização escolar em Portugal e da implementação sistemática de um sistema público de I&D.

Cerca de 4/5 da nossa amostra saiu de Portugal no deflagrar da crise ou mesmo depois da sua eclosão, uma vez que apenas 15,6% abandonou o país antes de 2007. Sabemos que a incorporação dos impactos de uma conjuntura tão intensa não é imediata, mas os números das saídas mostram bem como 2008 é o grande detonador: mais de 20 mil emigrantes, contra apenas 7 890 no ano anterior (Pordata).

Se observarmos o atual país de residência, percebemos a importância do Reino Unido (26,7%) e de outros países do centro europeu (Alemanha, França e Bélgica), mas também a circunstância de uma fatia não negligenciável viver em Portugal no momento de administração do questionário, o que se relacionará ou com um regresso potencialmente bem-sucedido (depois de acumularem credenciais, experiências e capital social no estrangeiro) ou com uma mera transição para outros destinos.

Constata-se, de igual modo, que a saída tem um efeito notório no emprego: apenas 3,8% estão desempregados no destino, quando em Portugal tal percentagem superava os 36%, grosso modo análogo às taxas de desemprego nestes escalões etários.

O rendimento mensal líquido também apresenta valores bastante contrastantes: antes da saída mais de 70% auferia menos de 1 000 euros, no destino mais de 50% recebe um montante superior a 2 000 euros e 26,5% recebem acima de 3 000 euros.

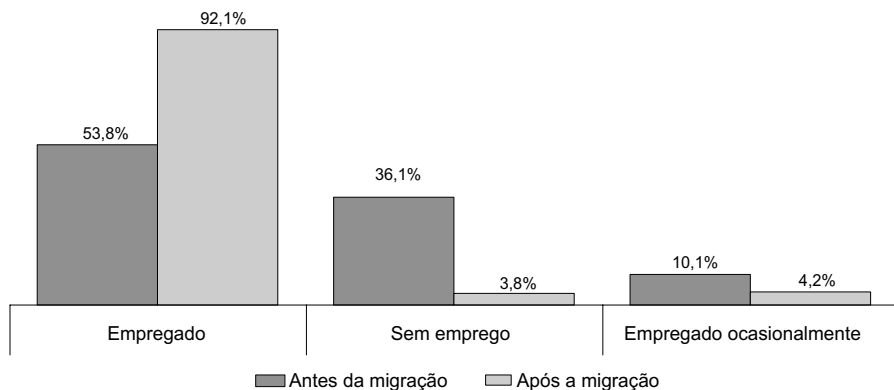


Figura 3.5 Situação perante o trabalho antes e após a migração

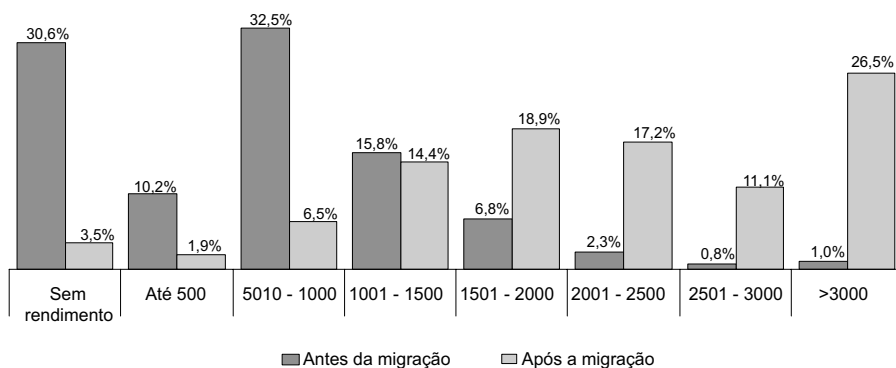


Figura 3.6 Rendimento mensal líquido antes e após a migração

Os inquiridos mostram uma forte coerência entre a área de formação inicial e a formação mais elevada, concentrando-se nas ciências, matemáticas e informática (cerca de 1/3), seguido das ciências sociais, comércio e direito e, com números próximos, engenharia, indústrias transformadoras e construção. Não existem, por isso, processos de reconversão académica, antes uma lógica de fileira, com o aprofundamento da formação inicial.

Considerando que a maior parte dos respondentes exercia funções profissionais compatíveis com a sua formação académica, mesmo antes de emigrarem, facilmente se constata que em Portugal esse reconhecimento formal de competências e de recursos organizacionais não encontrava uma clara

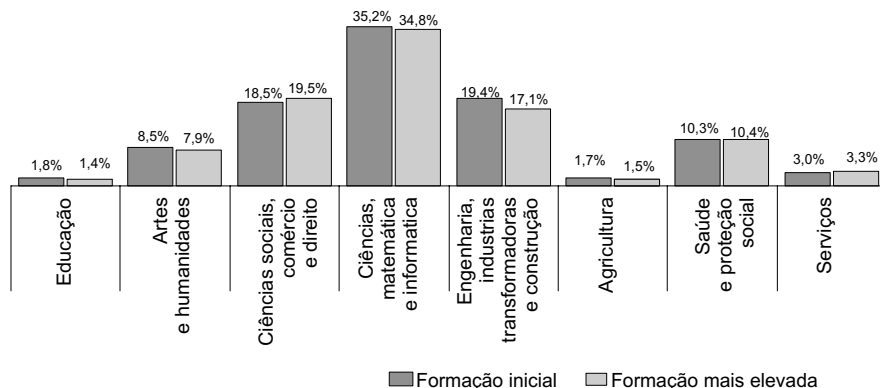


Figura 3.7 Área científica de formação inicial e da mais elevada

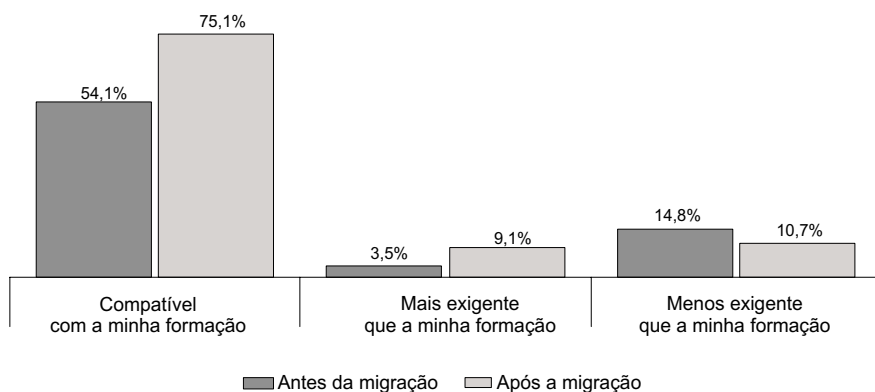


Figura 3.8 Correspondência entre o trabalho exercido e a formação académica antes e após a migração

correspondência nos níveis de remuneração, nem tampouco nas possibilidades de carreira.

Também cresce o número dos que declaram que o trabalho no país de destino é mais exigente do que a formação académica recebida e diminui a percepção de trabalhar em funções abaixo das qualificações, o que se ligará, porventura, a acrescidas oportunidades de carreira e de formação.

A decisão de emigrar tem nas razões profissionais e económicas o seu principal impulso: prosseguir uma carreira em que se sintam realizados profissionalmente surge para 95,4% dos inquiridos como a razão principal

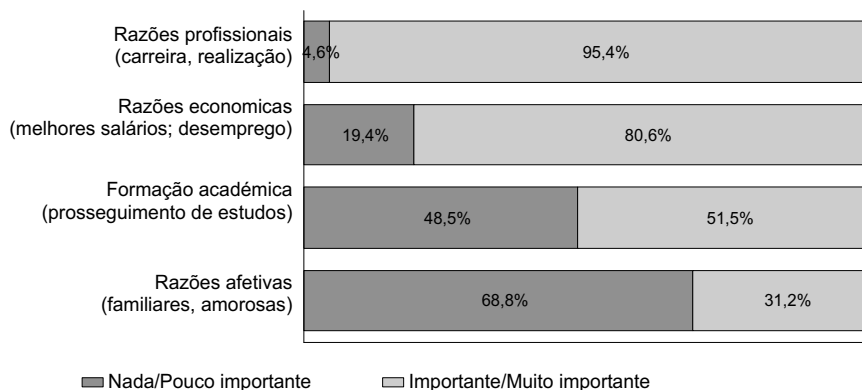


Figura 3.9 Razões para a emigração

que os leva a emigrar. Porém, as razões salariais e a situação de desemprego ou de subemprego também revelam um peso muito importante na decisão de emigrar (80,6%). Bastará observar que o desemprego e o subemprego atingiam 46,2% da amostra para se perceber o peso relativo desta razão. Embora as razões afetivas assumam alguma importância, quer a reunificação familiar quer a presença de redes amicais nos países de destino são claramente secundárias na hierarquia de motivos que originam a emigração.

Quando aprofundamos as razões profissionais que conduzem à decisão de emigrar verificamos que a valorização das qualificações académicas no país de destino constitui o principal fator de atração (90% de concordância), acompanhado pelo reconhecimento de que a realização profissional não tem condições para se concretizar em Portugal (51%).

Por outro lado, a discriminação de alguns indicadores económicos revela-nos o impacto relativo na decisão de emigrar: em primeiro lugar a crise económica como fator de repulsão (88%), depois a desadequação remuneratória no país de origem (65%), seguida de muito perto pela insatisfação com o estatuto socioeconómico em Portugal (63%) e a perceção de insegurança e instabilidade que o decréscimo de rendimentos provoca. Simetricamente regista-se a perceção de adequação salarial (78%) e a maior disponibilidade de empregos nos países de destino como os principais indicadores económicos que levaram à emigração.

As experiências de mobilidade académica noutros países surgem como o fator de impulso mais importante entre as razões académicas (77%), bem como o reconhecimento da valorização da área de estudos no país de destino (66%). Estes indicadores revelam bem como a mobilidade académica e o cálculo custo-benefício realizado pelos estudantes

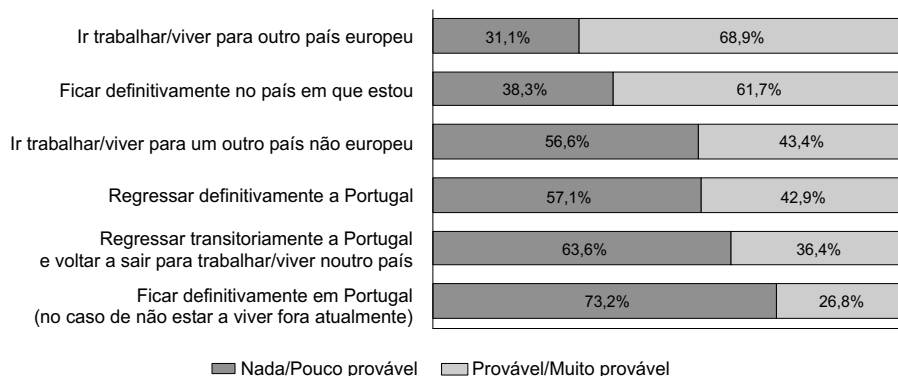


Figura 3.10 Expectativas em relação ao futuro

durante os programas de mobilidade contribuem para transformar o *brain drain* latente numa decisão mais firme de emigração para países europeus do centro.

Também de destacar, e ao contrário dos processos de emigração tradicionais, os emigrantes qualificados não têm nas redes familiares, de amizade ou afetivas um impulso muito importante para a decisão de emigrar. Menos de 30% dos inquiridos afirmam terem optado por um país onde já estavam inseridos familiares ou amigos.

Por último, na escolha dos países de destino não é indiferente a natureza do pacto social que neles vigora, sendo escolhidos países em que o estado social e a participação cívica se encontram plenamente consolidados (61%). Em sentido inverso, reconhecem os inquiridos (69%) que as políticas de restrição ao estado social não são temporárias em Portugal e que não têm repercussões tão graves e evidentes nos países em que se encontram atualmente (49%).

Um dos aspetos que pode determinar a perda de capital humano no país de origem é a duração do período de emigração. A maioria dos inquiridos refere que a mobilidade foi inicialmente projetada como solução transitória, mas a experiência entretanto vivida mudou os planos para uma perspetiva de emigração de médio (30,4%) ou de longo prazo (62,9%).⁵

A maioria dos inquiridos projeta-se numa emigração para “toda a vida” no atual país de residência ou em outros países europeus (61,7% e 68,9% respetivamente), embora a perceção de uma crise prolongada

5 No âmbito deste estudo considera-se que a “emigração de médio prazo” inclui a expectativa de residência fora de Portugal por um período entre 2 a 5 anos e a “emigração de longo prazo” inclui a expectativa de residência fora de Portugal por 6 ou mais anos.

esteja também associada à decisão de ficar mais anos a trabalhar fora de Portugal e à expectativa de regressar depois de consolidado o percurso profissional (42,9%).

Resultados das entrevistas: retratos sociológicos

Os retratos sociológicos surgem como dispositivo metodológico capaz de resgatar uma dupla pluralidade nas trajetórias individuais: por um lado, a pluralidade das disposições internas, tendo em conta a sua génese, a sua desigual “força” e sistematicidade; por outro lado, a pluralidade contextual, externa, associada à multiplicidade de processos, agências e contextos de socialização ou modos da vida, percebendo os detalhes das variações intraindividuais, como cada indivíduo se desdobra em compromissos e metamorfoses múltiplas pelos diferentes domínios de ação.⁶ É neste âmbito que Lahire (2002) propõe os retratos sociológicos como um dispositivo metodológico.

Pretendeu-se, pois, alcançar três grandes objetivos: i) apreender o património plural de disposições que forma o *habitus* (Bourdieu, 1983) destes sujeitos; ii) relacionar sistemas de desigualdades de origem com desigualdades de percurso; iii) fomentar a reflexividade biográfica.

Saliente-se, contudo, que, nesta pesquisa, os retratos foram sempre orientados para a(s) experiência(s) migratória(s). Não se trata de uma mera história de vida, antes do delinear de um percurso que desemboca na emigração.

Antecipando um número que permitisse dar conta da diversidade dos percursos biográficos, mas ao mesmo tempo revelador de uma certa unidade em aspetos decisivos e marcantes para o percurso migratório; e tendo em consideração as limitações (tempo e dinheiro) do projeto, o objetivo passou por se entrevistarem 12 indivíduos por cada um dos quatro perfis-tipo estabelecidos desde o início do projeto.

No total foram entrevistadas 53 pessoas, resultando em 53 retratos sociológicos de portugueses qualificados que emigraram para outros países europeus.

Ao selecionar os entrevistados dos contactos obtidos, além da diversidade em relação ao sexo e idade, dentro de cada perfil-tipo, procurou-se também ter em conta a diversidade do país de acolhimento e da área profissional. Ainda assim, existe a predominância de alguns países em detrimento de outros, reflexo dos contactos reunidos, mas também do maior peso de emigrantes qualificados em determinados países, de acordo com as estimativas oficiais.

6 Resultados publicados no livro “Fuga de cérebros: retratos da emigração portuguesa qualificada” (2015).

De forma a dar conta da grande diversidade de percursos migratórios, que refletem os diferentes projetos de vida dos seus protagonistas; dos múltiplos pontos de partida e de chegada sociais e geográficos, com pontos de passagem intermédios igualmente diversificados; dos diferentes níveis de sucesso ou insucesso, e vários graus de satisfação ou insatisfação com a situação pessoal e profissional vivida durante a mobilidade apresenta-se de seguida uma breve síntese da análise feita aos retratos em cada perfil-tipo.

Perfil-tipo: migração para um país europeu para o exercício de profissões nos sistemas científico ou de ensino superior

Os retratos neste grupo registam os percursos de jovens investigadores portugueses que escolheram trabalhar no sistema científico de vários países europeus.

A maior parte dos retratados emigraram para prosseguir estudos avançados de doutoramento e pós-graduação, sendo as oportunidades de mobilidade potenciadas por processos formais de recrutamento das instituições de investigação e ensino superior europeias. As trajetórias são frequentemente de mobilidade múltipla, com durações muito variáveis, o que dificulta a distinção analítica entre mobilidade e migração.

A mobilidade académica não é entendida pela maioria como uma fatalidade ou uma consequência direta da crise económica, mas antes como uma estratégia de carreira, num país da semiperiferia científica, económica e cultural europeia. Embora alguns declarem que existe o desafio aliciante de transformar a capacidade das diásporas científicas em transferir conhecimento e tecnologias, reconhecem também que as instituições nacionais e europeias fazem muito pouco para o concretizar.

Passando por “transições profissionais” e “transições experimentais” (Guerreiro & Abrantes, 2007) até à vida adulta, estes jovens, que ocupam funções de prestígio, bem remuneradas e altamente competitivas, e têm progressões rápidas na carreira, vivenciam o trabalho académico como um *continuum*, numa “cultura de horário prolongado”. Neste contexto, a conciliação entre trabalho profissional e vida pessoal torna-se difícil, acabando essas duas esferas da vida por se imbricarem.

As experiências de trabalho decorrentes do processo migratório são perspetivadas de um modo diferente, porque os investigadores têm em regra um contrato de trabalho, efetuam descontos e sentem-se inseridos no mercado laboral enquanto fazem o doutoramento ou o pós-doutoramento.

A questão profissional é a que parece mais determinante para sair ou simplesmente para ficar no país em que se teve uma experiência de mobilidade. Em alguns casos, devido à especificidade das especializações que se querem aprofundar e para as quais não haverá resposta suficiente em Portugal; noutras, é a precariedade das opções oferecidas no mercado português que leva as pessoas a procurarem percursos fora do território nacional.

As orientações das políticas públicas para a ciência, traduzidas no subfinanciamento da prática científica, afastaram definitivamente a crença na possibilidade de optar por um percurso que passe pelo país de origem, quer no curto quer no longo prazo, porque se admite que a recuperação das condições anteriores apenas seja possível dentro de uma a duas décadas.

Ainda que se admita estar perante um mercado global, no qual o investimento numa carreira no exterior pode ter reflexos positivos no país — porque o conhecimento e a tecnologia tendem a circular —, impera a percepção generalizada de que Portugal fica sempre a perder, desde logo porque não rentabiliza o investimento efetuado na formação dos quadros que emigram.

Perfil-tipo: migração de longo prazo para um país europeu para trabalhar nos segmentos primário ou secundário do sistema de emprego

Os retratos deste grupo têm como pano de fundo a experiência laboral e a inserção profissional, quer antes quer depois da experiência migratória.

Sobressai neste grupo de retratos uma percepção negativa sobre a evolução da situação socioeconómica do país e uma crítica revoltada aos governos que não sabem aproveitar a sua maior riqueza, a mão-de-obra altamente qualificada e, pelo contrário, incentivam a sua exportação para outros países, revelando-se incapazes de criar estímulos ao retorno. As alternativas e os apoios aos jovens que saem do ensino superior são consideradas ausentes mas necessárias. A criação de condições para a retoma da atividade económica, o tratamento justo dos cidadãos e a criação de condições que apoiem a maternidade são medidas apresentadas por jovens que pertencem a uma geração que se sentiu impelida a sair de um país que não os soube aproveitar.

Há, por isso, nestes retratos, um murmúrio de revolta. Para este grupo, a emigração surge menos como opção do que uma necessidade.

Regressar ou não regressar? Para uns, o regresso é pensado de modo temporário ou distante — de férias ou na reforma; para outros, o regresso está circunscrito ao campo dos desejos e depende das condições necessárias para que a realização profissional possa ser alcançada em Portugal.

Por outro lado, as questões familiares assumem um papel importante. O enraizamento profissional e a integração dos filhos no país de acolhimento tornam cada vez mais distante o regresso. Com o passar dos anos, a ideia de não voltar para um país onde se tem cada vez menos ligações familiares, e de ficar onde estão os filhos e onde estarão os netos, está muito presente nesta nova emigração.

A emigração assume-se, assim, como um fenómeno estrutural e não mais conjuntural. E a decisão de regressar é continuamente adiada. O regresso apenas é pensado a longo prazo, não sendo equacionado, por exemplo, construir casa em Portugal ou enviar remessas.

Mesmo em situações de menor sucesso no país de acolhimento — contrariando as expectativas de ascensão social — esta é uma situação considerada passageira e encarada como algo que poderá rapidamente ser ultrapassado, uma expectativa que se funda na contraposição da situação atual com a situação que teria de ser enfrentada se a emigração não tivesse ocorrido. Mas também se funda na crença na formação acadêmica como fator de sucesso. É por isso relevante constatar o desejo transversal de investir na aprendizagem da língua do país de acolhimento e em fazer cursos de formação, no sentido de aumentar as oportunidades de uma melhor inserção profissional.

No geral, a identidade nacional, o “ser português”, torna-se muitas vezes exaltada. As saudades dos familiares e dos amigos que se deixaram, mas também do país em si — as pessoas, a cultura, a hospitalidade, a comida, o sol, a praia — são elementos que se recordam com nostalgia e que representam, de alguma forma, o que de bom tem o país e que o distingue dos outros.

É também através dos consumos que a identidade nacional é fortemente atualizada: a procura de produtos portugueses de consumo diário; a compra de produtos alimentares (bacalhau, café, etc.), fazem com que as referências visuais e emocionais estejam mais presentes.

Perfil-tipo: mobilidade estudantil europeia que conduz à inserção nos segmentos primário ou secundário do sistema de emprego

Uma das primeiras dimensões a salientar neste perfil-tipo prende-se com a constatação de uma disseminação nas instituições de ensino superior da oferta de incentivos à mobilidade estudantil. Estas oportunidades formativas permitem-lhes uma comparação entre os sistemas científicos do país de destino e o português, mas também o conhecimento de pessoas (professores, colegas, amigos) que se revelariam de crucial importância na decisão de emigrar.

A maior parte dos entrevistados considera que a sua formação de base, em Portugal, os preparou cientificamente para as mais elevadas exigências, mas são unânimes em reconhecer o défice nas concretizações.

Importa igualmente realçar que uma parte destes sujeitos teve experiências profissionais em Portugal durante a sua formação superior, o que, se em parte contribuiu para acentuar disposições favoráveis à conciliação entre esferas de vida (trabalho, estudo, família), desvendou por outro lado as dificuldades de progressão profissional no nosso país.

Ao contrário do que se poderia supor, nem todos usufruem de estatutos profissionais estáveis. Alguns experimentam situações de indefinição contratual e precariedade. Ainda assim, tanto pelos rendimentos auferidos, claramente superiores aos expectáveis para idênticas funções em Portugal, como pela satisfação que revelam nas ocupações exercidas, tal questão não se mostra, por enquanto, limitadora do potencial de otimismo. É certo que pertencem a uma “geração adaptável”, socializada no pressuposto de que já não

há carreiras fixas e previamente asseguradas, ideias tão propagadas pelos mais variados aparelhos ideológicos. Daí que, desde que a valorização intrínseca do trabalho (“gostar do que se faz”) e um certo padrão de consumo e de qualidade de vida estejam assegurados, não se levantem problemas existenciais.

É claro que o tempo jogará os seus dados e produzirá os seus efeitos. Estamos em presença de entrevistados que deixaram Portugal há relativamente pouco tempo. Mas muitos admitem prosseguir trajetórias de inserção profissional noutros países e nenhum encara um regresso rápido a Portugal. Esta é, aliás, uma das pistas interpretativas mais marcantes deste conjunto de retratos. Apesar de desejarem em termos abstratos o regresso a Portugal, nenhum coloca essa opção no futuro próximo e todos condicionam tal decisão a muitos fatores: encontrar um emprego estável em Portugal; regressar apenas para o ambiente cosmopolita de grandes cidades, nunca para pequenas urbes; voltar só depois de os filhos serem crescidos; ou, apenas, se o/a namorado/a também conseguir uma colocação.

Em geral, estes sujeitos olham com ceticismo para Portugal; desconfiam da qualidade das suas elites e em particular dos políticos; desprezam o imediatismo das decisões e a ausência de apostas estratégicas na qualificação, na inovação, no desenvolvimento sustentável, na diversificação produtiva, no investimento em sistemas sólidos de I&D. Por acharem que nada vai mudar a curto e médio prazo, mais facilmente se veem a prosseguir viagem, particularmente nos casos em que a situação profissional é precária, do que a voltarem para o sombrio futuro português.

Perfil-tipo: mobilidade e circulação transitória ou pendular através de redes europeias de ciência, produção, serviços ou cultura

Os retratos deste perfil-tipo revelam vidas em trânsito, quer pela sua constante mobilidade espacial, quer porque expressam projetos de vida em transição. É esta condição dúplice que lhes dá a ambiguidade própria de uma experiência “amarga como muitas, mas, como poucas, libertadora”, nas palavras de Eduardo Lourenço, que conhece bem a vivência de longos anos no estrangeiro.

As experiências de vida que captamos nestes retratos são construídas a partir de um novo tipo de nomadismo que as sociedades contemporâneas facilitaram por força da compressão do espaço-tempo do mundo. São histórias de pessoas que já passaram por várias experiências de emigração, incluindo breves períodos de regresso a Portugal, embora quase nunca se revejam na figura do emigrante. Desde logo, porque encontram no espaço europeu uma casa comum, mas também porque têm a experiência de uma emigração transitória. A transitoriedade não significa porém o desejo de regresso próximo a Portugal nem um nomadismo de exclusão; pelo contrário, assumem a busca constante da inclusão através de novos itinerários, novas formas de ver o trabalho, diferentes ritmos de vida e formas inusuais de superar obstáculos.

Neste universo em que impera a flexibilidade imposta ou procurada, há os que ganham, os que perdem e os que resistem. Entre os que ganham, predominam as narrativas de vida que põem em primeiro plano a vocação e a realização profissional como forma de obter a realização pessoal. Entre os que perdem, o trabalho é apresentado como uma forma instrumental de garantir os meios de subsistência necessários à construção de um projeto de vida. Entre os que resistem, a vida é descentrada do trabalho, surgindo as dimensões expressivas e reflexivas da vida como um valor maior para a realização pessoal.

A dificuldade maior ou menor em criar uma linha condutora para a vida verifica-se em todos os casos. A mudança pendular de emprego e até de funções dificulta muitas vezes a integração evidente em qualquer tipo de carreira. Embora a relação salarial obtida no estrangeiro seja mais atrativa do que em Portugal, a sua continuidade não é sempre um dado seguro.

A flexibilidade espacial põe muitas vezes os emigrantes transitórios e pendulares numa encruzilhada em que não se trata apenas de mudar de emprego, de cidade ou de país, mas de pôr toda a vida em mobilidade. Ir e vir, estar hoje numa cidade portuguesa e amanhã numa cidade estrangeira, obriga a uma constante mediação cultural e não apenas de lugar. O multilocalismo é certamente um enriquecimento para quem o vive, mas cria também dificuldades de identidade com as pessoas e os locais. O conceito de local propriamente dito passa a ser polivalente.

As noções de pertença e identidade deixam de estar vinculadas a um território concreto e a processos locais. A ideia de cultura própria deixa de fazer sentido para quem tem experiências alargadas de aprendizagem e de trabalho translocal. O sentido plural das culturas é facilmente assumido, embora o modo de gerir a pluralidade passe na maior parte dos casos pela multiplicação de localismos.

As condições comparativamente mais compensadoras de Estado social nos países de acolhimento sobrelevam quaisquer considerações nostálgicas de pertença nacional. Neste contexto, o regresso a Portugal é visto como uma impossibilidade ou como uma decisão para a reforma.

Referências bibliográficas

- Almeida, João F., e J.M. Pinto (1996), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Ed. Presença.
- Barbour, Rosaline, e J. Kitzinger (1999), *Developing Focus Group Research. Politics, Theory and practice*, London, Sage Publications.
- Beine, Michel, F. Docquier, e H. Rapoport (2003), "Brain drain and LDC's growth: winners and losers", *Discussion Paper n.º 819*, Bonn.
- Beine, Michel, F. Docquier, e H. Rapoport (2008), "Brain drain and human capital formation in developing countries: winners and losers", *The Economic Journal*, 118(528), pp. 631-652.

- Bourdieu, Pierre (1983), *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero.
- Docquier, Frederic, O. Faye, e P. Pestieau (2008), "Is migration a good substitute for education subsidies?", *Journal of Development Economics*, 86 (2), pp. 263-276.
- Gomes, Rui (coord.), et al. (2015), *Fuga de Cérebros. Retratos da Emigração Portuguesa Qualificada*, Lisboa, Bertrand.
- Guerreiro, Maria D., e P. Abrantes (2007), *Transições Incertas. Os jovens perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Haque, Nadeem, e S. Kim (1995), "Human capital flight: impact of migration on income and growth", *Imf Staff paper*, 42 (3), pp. 577-607.
- Heuer, Nina (2011), *The Effect of Occupation-Specific Brain Drain on Human Capital*, Working Papers in Economic and Finance n.º 7, Tubingen, University of Tubingen.
- Johnson, Jean, e M. Regets (1998), "International mobility of scientists and engineers to the USBrain Drain or Brain Circulation?", *NSF Issue Brief*, pp. 98-316.
- Krueger, Richard (1998), *Developing Questions for Focus Groups*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Lahire, Bernard (2002), *Portraits Sociologiques. Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan.
- Miyagiwa, Kaz (1991), "Scale economies in education and the brain drain problem", *International Economic Review*, 32, pp. 743-759.
- Mountford, Andrew (1997), "Can a Brain Drain be good for growth in the source economy?", *Journal of Development Economics*, 53 (2), pp. 287-303.
- Pizarro, Jorge (2005), *Globalizados, Pero Restringidos. Una Visión Latinoamericana del Mercado Global de Recursos Humanos Calificados*, Santiago de Chile, Centro Latinoamericano y Caribeno de Demografía.
- Rosenbaum, James, T. Kariya, R. Settersten, e T. Maier (1990), "Market and network theories of the transition from high-school to work: their application to industrial societies", *Annual Review of Sociology*, 16, pp. 263-299.